



**OCORRÊNCIA DE ROEDORES SIGMODONTINEOS
PROCEDENTES DE PIRANHAS (GO) E NOVO SÃO JOAQUIM (MT),
BRASIL**

Mariana Guindani¹
Alexandre Uarth Christof²

Resumo

Sigmodontinae inclui um grande número de espécies de roedores endêmicos da América do Sul, reunindo em torno de 85 gêneros e 400 espécies agrupados em nove tribos e incluindo formas de tamanho corporal e hábitos de vida variados, ocorrendo em diversos biomas. Nossa amostra provem de localidades do Cerrado no Centro-Oeste brasileiro, das cidades de Piranhas (GO) e Novo São Joaquim (MT). O cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, ocupando 21% do território brasileiro. A amostra é constituída por 41 espécimes, todos tombados no Museu de Ciências Naturais da ULBRA (MCNU). Os espécimes foram triados e organizados considerando aspectos da anatomia externa e do Crânio, os quais foram posteriormente comparados com espécimes da coleção científica do MCNU visando a correta identificação dos mesmos. Até o presente parte da amostra (n=7) foi identificado até a categoria de gênero. Considerando a continuidade das análises buscaremos identificar toda a amostra até a categoria de espécie. Esse estudo é de relevância, visto que amostras procedentes dessas localidades são raras.

Palavras chave: Sigmodontinae; Cerrado; *Oecomys*; *Calomys*; *Rattus*

INTRODUÇÃO

Sigmodontinae é a segunda mais representativa subfamília de roedores do mundo, com a maior diversidade e distribuição de mamíferos na região neotropical (WEKSLER, 2006), incluindo em torno de 85 gêneros e 400 espécies reconhecidos atualmente em nove tribos (SALAZAR BRAVO *et al.*, 2013), agrupando a maior parte das espécies na América do Sul (aproximadamente 68 gêneros) (SALAZAR BRAVO *et al.*, 2013) e apenas um gênero endêmico da América Central (D'ELÍA, 2003). O cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, sendo menor apenas que a Floresta amazônica. Ocupa 21% do território do Brasil e áreas do Paraguai e da Bolívia (CONSERVATION INTERNATIONAL, 2005; SEMARH, 2005). No Brasil, ocorrem 42 gêneros de Sigmodontíneos (PAGLIA *et al.*, 2012).

1 Aluno do curso de graduação em Ciências Biológicas – Bolsista PROBIC/FAPERGS – marianaguindani@yahoo.com.br

2 Professor do curso de graduação em Ciências Biológicas – auchrist@ulbra.br

Para o centro-oeste, estão registrados os gêneros *Akodon*, *Calomys*, *Cerradomys*, *Euryoryzomys*, *Holochilus*, *Hylaeamys*, *Kunsia*, *Neacomys*, *Necomys*, *Nectomys*, *Oecomys*, *Oligoryzomys*, *Oxymycterus*, *Pseudoryzomys*, *Rhipidomys*, e *Thalpomys* (BONVICINO *et al.*, 2008), incluindo inúmeras espécies, a quais apresentam distintas adaptações ao modo de vida, assim como anatomia crânio dentária característica.

Sigmodontinae inclui formas de tamanho corporal pequeno, como no gênero *Akodon*, a tamanhos expressivos, como em *Nectomys*, por exemplo. Nesta subfamília, registram-se roedores que ocupam distintos habitats, como ambientes florestais, formações abertas, ambientes alagadiços ou até mesmo semi-áridos (WEKSLER & PERCEQUILLO, 2011), e que possuem uma grande variedade alimentar, incluindo espécies de hábitos herbívoros, frugívoros, animalívoros e carnívoros (CRESPO, 1982). Na atualidade estudando a fauna vivente podemos: reconhecer os táxons pelas suas características crânio-dentárias, por inferir o tipo de recurso alimentar utilizado, se duro/resistentes (folhas de gramíneas, sementes) ou não (recursos de origem animal ou frutos suculentos). A ocorrência geográfica dos táxons de sigmodontíneos encontra-se correlacionada a disponibilidade de recursos e as suas adaptações corpóreas morfofuncionais (CHRISTOFF *et al.* 2009). Quanto ao modo de locomoção incluem espécies: arborícolas, vivem sobre árvores; cursoriais, restritas ao chão; escansoriais, locomovem-se tanto sobre estrato arbóreo quanto no chão; fossoriais, andam sobre o solo cavando tocas; e semi-aquáticos, deslocam-se sobre o solo, deslocando boa parte do tempo dentro d'água (CRESPO 1982).

Os objetivos deste estudo são identificar a riqueza dos roedores provenientes destas localidades, bem como reconhecer caracteres da anatomia do crânio e dos dentes visando estabelecer um conjunto de caracteres que permita a identificação correta de cada táxon.

METODOLOGIA

A amostra se constitui de 41 espécimes, dos quais 33 procedem de Piranhas, em Goiás e oito de Novo São Joaquim, no Mato Grosso, todos tombados na Coleção de Mamíferos do Museu de Ciências Naturais da ULBRA (MCNU).

Os espécimes foram primeiramente triados permitindo a separação com relação ao tamanho corpóreo e do crânio e a identificação das estruturas. Posteriormente, foram comparadas as estruturas anatômicas visando à identificação de diferentes padrões anatômicos do crânio.

Na morfologia externa estão sendo observados: a coloração e comprimento dos pelos; o padrão de coloração e comprimento da cauda; a densidade das vibrissas; a presença e distribuição das almofadas plantares, buscando a completa identificação dos espécimes.

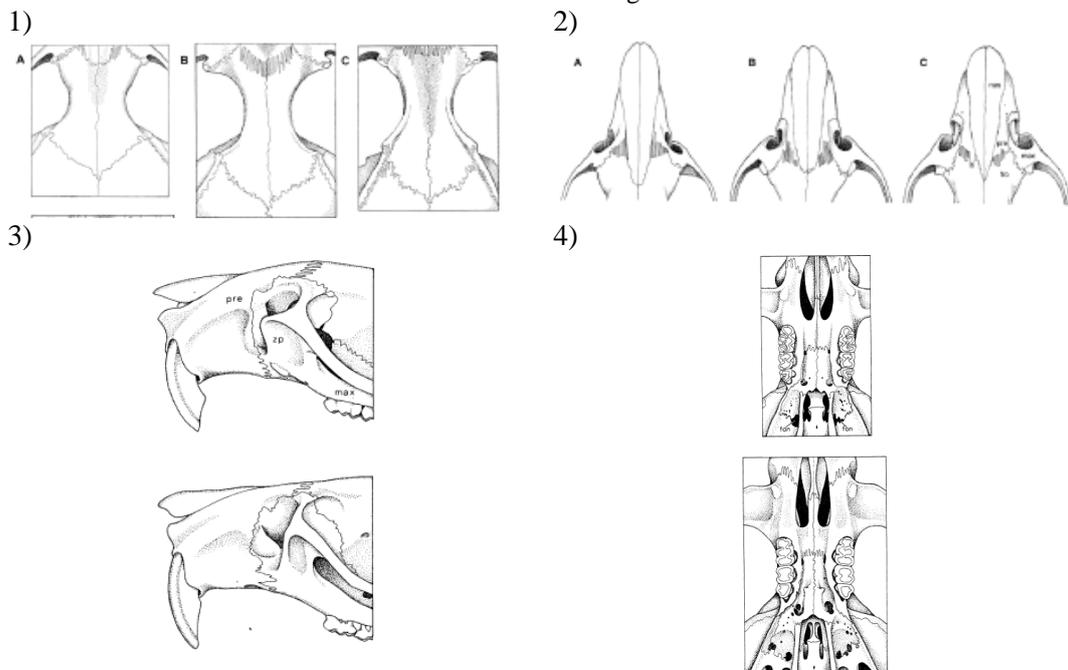
A morfologia craniana e mandibular, incluindo a morfologia dentária, será descrita de modo a identificar o padrão característico para cada táxon, buscando entender a variação intraespecífica e etária.

No estudo da identificação das estruturas do crânio seguiremos Weskler (2006) e Carleton & Musser (1989). No estudo da face de oclusão dos molares serão observadas as estruturas, como a presença ou ausência do mesolofo/mesolofídeo e flexo anteromediano, entre outras, seguindo a terminologia proposta por Reig (1977).

As estruturas anatômicas estudadas foram: presença ou ausência de forâmens, suturas, e processos ósseos, incluindo analisadas nas diferenças do comprimento do nasal, largura do rosto, comprimento dos forâmens e presença ou ausência de crista interorbital, entre outros (Exemplos na Fig. 1).

Nos molares serão observadas as estruturas da face de oclusão, presença ou ausência de estruturas como mesolofo/mesolofídeo e flexo anteromediano.

Figura 1. 1) Região interorbital: A) Ampla, B) Estreita, C) presença de crista interorbital; 2) Representação da amplitude do osso nasal, A) Estende-se posteriormente, B) na liga da sutura maxilo-frontal, C) afinilados posteriormente; 3) Placa zigomática (zp) superior projetada a frente, inferior curta; 4) Região palatal, superior curta e inferior longa.



Retirado de Weskler (2006) e Carleton e Musser (1989).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o tamanho da amostra e o grau de estudo necessário, até o momento sete espécimes foram identificados até a categoria de gênero (Tabela 1), distribuídos em três gêneros distintos (Exemplos na figura 2). Com a continuidade do projeto será apresentada a lista final dos táxons integrantes da amostra.

Tabela 1: Gênero e número de espécimes identificados

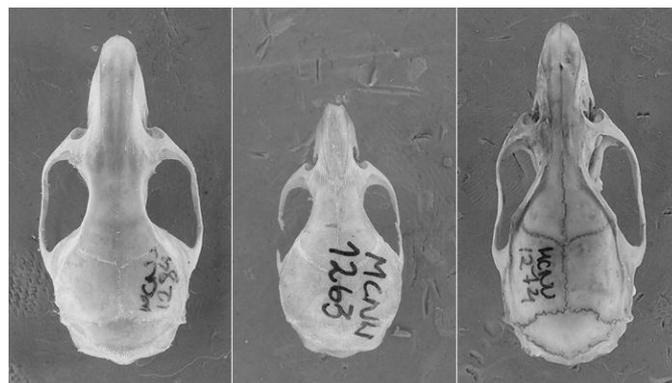
Gênero	Número de espécimes
<i>Rattus</i>	1
<i>Oecomys</i>	5
<i>Calomys</i>	1

Oecomys – Morfologia externa: tamanho mediano (de 90 mm a 112 mm) com pelagem densa, coloração dorsal marrom-alaranjado e ventre e esbranquiçado com a base dos pelos cinza. Crânio sem a presença de tubo rostral, palato longo, crista interorbital pouco desenvolvida e forâmen incisivo curto, não atingindo a margem do primeiro molar pentafodonte (mesolofó/ídeo presente).

Calomys – Morfologia externa: tamanho pequeno (55 mm), com pelagem pouco densa, dorso de coloração marrom clara e ventre esbranquiçado. Crânio não apresenta tubo rostral, o forâmen incisivo é largo e ultrapassa a margem anterior do primeiro molar tetrafodonte (mesolofó/ídeo ausente).

Rattus – Morfologia externa: tamanho grande (210 mm) com pelagem castanho-acinzentada no dorso e branco-acinzentada no ventre. Crânio de tamanho grande, com crista interorbital bem desenvolvida e forâmen incisivo longo que atinge a margem do primeiro molar, padrão molar com três linhas de cúspides perpendiculares ao comprimento do dente. Fauna alóctone.

Figura 2: vista dorsal dos crânios de *Oecomys* sp., *Calomys* sp. e *Rattus* sp.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises continuam em andamento, mas com os dados já existentes é possível observar que a amostra é composta por distintos gêneros visto que a categorização da amostra permite identificar espécimes com distintos tamanhos e forma anatômica. A continuidade dos estudos permitirá a identificação completa dos táxons das amostras.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador e aos colegas de laboratório, pela ajuda e tempo dispensado em prol deste projeto e à FAPERGS, pelo incentivo ao bolsista.

REFERÊNCIAS

CARLETON, Michael D; MUSSER, Guy G. **Systematic studies of Oryzomyine rodents (Muridae, Sigmodontinae): A Synopsis of *Microroryzomys***. New York: Bulletin of the American Museum of Natural History, 1989.

CONSERVATION INTERNATIONAL. **Biodiversity Hotspots**. Disponível em <<http://www.biodiversityhotspots.org/xp/Hotspots/cerrado/index.xml>>. Acesso: 4 de julho de 2015.

CRESPO, J.A. **Ecología de la comunidad de mamíferos del Parque Nacional Iguazu, Misiones**. Revista Mus. Argentino Cien. Nat. “Bernardino Rivadavia”. Instituto Nacional de Investigación de la Ciencias Naturales, 1982.

CHRISTOFF, Alexandre Uarth; DE LIMA, Jeferson; JUNG, Diego Marques Henriques. **Mamíferos não-voadores da Floresta com Araucária e áreas adjacentes no Rio Grande do Sul: ênfase em roedores e suas adaptações ao habitat**. In **Floresta com Araucária: Ecologia, Conservação e Desenvolvimento Sustentável**, 2009. p. 178-183.

D’Elía, Guillermo. **Rats, mice, and relatives IV: Sigmodontinae**. Mammals, 2003.

SALAZAR BRAVO, Jorge; PARDIÑAS, U.F; D’Elía, Guillermo. **A phylogenetic appraisal of Sigmodontinae (Rodentia, Sigmodontinae) with emphasis on phyllotine genera: systematics and biogeography**. Zoologica scripta. 2013.

WEKSLER, Marcelo; PERCEQUILLO, Alexandre Reis. **Key to the genera of the tribe Oryzomyini (Rodentia: Cricetidae: Sigmodontinae)**. Mendoza: Mastozoologia Neotropical, 2011.

WEKSLER, Marcelo. **Phylogenetic relationships of oryzomine rodents (Muroidea: Sigmodontinae): separate and combined analyses of morphological and molecular data**. New York: Bulletin of the American museum of natural history, 2006.